

Resenha

Sobre “A musicalidade do surdo: representação e estigma”

HAGUIARA-CERVELLINI, N. *A musicalidade do surdo: representação e estigma*. São Paulo: Plexus Editora, 2003. 207 p.

Mércia Santana Mathias*

A autora em tela, Nadir Haguiara-Cervellini, possui graduação em fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1970), mestrado em curso de pós-graduação em distúrbios da comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1983) e doutorado em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1999). Atualmente é professora associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tem experiência na área de Fonoaudiologia, com ênfase em fonoaudiologia e educação, atuando principalmente nos seguintes temas: leitura e escrita, deficiência auditiva, musicalidade e surdez, ser musical, música e psicodrama. Professora do Curso de fonoaudiologia da PUC-SP na disciplina trabalho corporal em fonoaudiologia. Professora do Curso de fisioterapia da PUC-SP nas áreas de linguagem, oficina e seminários de projetos e orientação de TCC. Professora do Curso de psicologia da PUC-SP na disciplina de Teoria Psicodramática.

A obra analisada “*A musicalidade do surdo: representação e estigma*”, foi publicada pela Editora Plexus em 2003 e reúne 207 páginas. O livro é constituído por prefácio, introdução, seis capítulos e referências bibliográficas.

Na introdução do livro, a autora relata a sua preocupação em relação à ausência da música na vida e na educação da criança surda. Tendo como ponto de partida suas vivências no percurso profissional, a música como fonte de prazer e auto-realização, não tem ocupado um lugar de destaque nos programas de educação do surdo. E, partindo da constatação de que a música é parte integrante na vida do homem, que permeia toda a sua trajetória, a autora empenhou-se na tarefa de resgatá-la para o surdo, como sujeito de possibilidades musicais.

Seu desenvolvimento deu-se a partir de uma pesquisa de mestrado¹ em 1982 sob o título “A criança deficiente auditiva e suas reações à música”, nos achados constatou-se que independentemente de seu grau de perda auditiva, a criança surda é sensível à música. Dando continuidade a essa investigação surge uma nova pesquisa, intitulada “O adolescente deficiente auditivo e a expressão de sua musicalidade”, concluída em 1987 chegando-se aos mesmos achados da pesquisa anterior. Família, escola e sociedade, e mesmo professores especializados em

* Graduada em Licenciatura em Música (habilitação piano) e graduanda em Licenciatura em Pedagogia (UFSCar – Campus Sorocaba). E-mail: mercia1565@hotmail.com.

¹ Dissertação desenvolvida na área de Ciências-Audiologia na PUCSP.

educação do deficiente auditivo, costumam subtrair da vida destes sujeitos a prática natural de sua musicalidade. Entretanto, as investigações com seus achados apontam para as possibilidades musicais do deficiente auditivo:

Os deficientes auditivos falam por si mediante os resultados dessas pesquisas. No entanto, tais resultados não parecem interferir no quadro educacional dos alunos surdos. Poucas são as instituições que se têm proposto a efetivar um espaço de vivências musicais para o deficiente auditivo. A inquietação permanece. Muito há que ser feito. (p. 13).

Partindo do desejo de aprofundar este estudo e estas reflexões a autora levanta dois questionamentos sobre as relações do deficiente auditivo com a música e com o mundo:

- Como o deficiente auditivo se vê como sujeito musical, ou seja, um ser que pode apreciar a música, expressar a sua própria musicalidade e fazer música?
- Que representação os familiares têm do sujeito surdo como um ser que pode apropriar-se da música, experiênciá-la e produzi-la?

Para o indivíduo com o rótulo de deficiente auditivo, a educação volta-se basicamente para a questão do desenvolvimento da comunicação oral, visando integrá-lo na sociedade como ser produtivo. Nas raras oportunidades musicais que surgem, o objetivo principal é facilitar as mesmas premissas. A música é um instrumento adicionado na conquista do mesmo objetivo.

Há uma justificativa para a mudança do termo “deficiente auditivo” por “surdo”, o termo deficiente auditivo, serve para caracterizar os diversos graus de impedimentos ou dificuldades auditivas. A expressão “surdo” serve para designar uma cultura própria, identificadora, que surgiu a partir do movimento “Deaf Power”, iniciado nos Estados Unidos na década de 1980, que lutou pela causa do surdo, enfocando dois aspectos essenciais:

- O direito a uma língua própria;
- A reivindicação do direito de ser tratado como “diferente”, pelo ouvinte, em vez de “deficiente”.

Ainda tratando das questões quanto às limitações impostas ao surdo, a autora traz excertos do livro “A história de minha vida” de Helen Keller, da sua trajetória de vida, ela foi um exemplo de pessoa surda, agravada pela cegueira, que não se submeteu aos limites impostos pela sociedade dos ouvintes à sua condição humana. Ela cursou universidade, estudou filosofia, fez teatro e cinema. Palestrante, escritora, apreciava a vida e a natureza. Helen Keller ficou surda e cega aos 18 meses de idade.

Inconformada com sua condição de surda-cega, superou obstáculos chegando a falar três línguas: inglês, francês e alemão. As experiências estéticas também fizeram parte de sua vida. Em seu outro livro “Minha vida de mulher”, escrito em 1929, Helen mostra como, pelo tato, ela conseguia discriminar instrumentos musicais. Teve experiências gratificantes e enriquecedoras no convívio com

pessoas excepcionais que conseguiram ampliar o seu universo das apreciações estéticas musicais. Os relatos de Helen Keller, que a autora traz no livro servem para exemplificar melhor as capacidades musicais do surdo, como algo prazeroso, enriquecedor da sensibilidade e da imaginação. Para finalizar essas considerações, a autora escreve que embora:

[...] sejam depoimentos de uma cega e surda publicados no começo do século XX (1929), a educação desses sujeitos não tem avançado no sentido de contemplar, efetivamente, a possibilidade da sua vivência musical por eles. (p. 24).

O perfil traçado no livro, persegue o objetivo de colocar a música na vida do surdo no plano da sensibilidade, que possa trazer prazer, auto realização enquanto possibilidades concretas, e não apenas como instrumento de diagnóstico ou terapia. A representação do sujeito surdo, mediante a sua própria perspectiva e a dos familiares constitui o embasamento das entrevistas descritas como parte da pesquisa da autora, durante a realização do seu doutorado.

No primeiro capítulo intitulado *A educação do surdo: algumas perspectivas*, para melhor situar o leitor a autora conduz algumas pontuações em relação ao percurso histórico da educação do surdo, visando uma melhor compreensão em relação às abordagens educacionais vigentes à época que fez o doutorado. O contexto de cada sociedade é que determina o tratamento dispensado aos casos de surdez. Na antiguidade era visto como incapaz de ser educado e, portanto, não-humano. O ouvido era o órgão da instrução. Em Esparta eram atirados do Monte Tayjetos. Em Atenas sacrificavam-nos ou abandonavam. Em Roma atiravam-nos no rio Tigre. Essa condição atravessou a Idade Média, por ser considerado irracional, não tinha qualquer tipo de direito.

O médico italiano *Girolano Cardano* (1501-1576) teve o grande mérito de abolir a idéia vigente de que o surdo era um ser ineducável. Contudo, apenas no começo da Idade Moderna, entre 1453 e 1789, a educação do surdo começou a se efetivar, tendo a Espanha como líder deste movimento. A evolução dos tempos que propiciaram a educação popular nos idiomas regionais, em vez do latim, acenou para a mudança da condição do surdo. A partir desta introdução histórica, a autora coloca os principais nomes na evolução da educação destinada aos surdos. São mencionados: *Pedro Ponce de León, Juan Pablo. Bonet, Jacob Robriquez Pereire, Samuel Heinecke, Charles-Michel de L'Epée.*

Para manter o perfil das propostas apresentadas, a autora se atem ao Método Oral em suas duas vertentes: *Método Multissensorial e o Método unissensorial ou abordagem acupédica*. Diante dos resultados poucos satisfatórios do Oralismo, surgem novas propostas para a educação do surdo, buscando-se resgatar a Língua de Sinais: *Bimodalismo* e o *Bilinguismo*, são oportunamente descritos neste trecho do livro.

No segundo capítulo *Papéis, representação e estigma* a autora remete a estes conceitos o redimensionamento do que existe na concepção das pessoas envolvidas em relação às possibilidades musicais do sujeito surdo. *Papel* – como ser social o

homem se insere num contexto e, assume perante este, seus valores e culturas. *Representação* – é o elo entre a construção do conhecimento e o processo histórico que orienta, situa e dá identidade ao Homem. *Estigma* – É o resultado gerado diante das perspectivas sociais quando as normas não são cumpridas. É a disfunção dos papéis que se espera que sejam exercidos dentro do padrão e das normas sociais. O sujeito estigmatizado é um desviante e, portanto, indesejável.

Sobre a Teoria de Papéis, o livro remete ao escritor J. L. Moreno autor do livro “Psicodrama” e traz desde o significado e origem sobre o conceito papel até a sua construção na identidade do sujeito. A autora ilustra este conceito, ao descrever a relação entre o surdo e seus familiares: Um membro da família pode então assumir o *papel* de “terapeuta” da criança surda.

O trecho do livro sobre representação mergulha nos escritos de Erving Goffman do livro “A representação do eu na vida cotidiana”. A representação é o elemento mais ativo do papel do sujeito, o conteúdo assemelha-se à arte teatral, utilizando-se dos princípios da dramaturgia. Termos como pessoa, plateia, máscara, fachada e aparência estão esclarecidos e exemplificados pela autora, dentro do conceito de representação.

A autora utiliza como discussão as representações sociais sob a ótica de Moscovici. O psicólogo social Francês, Serge Moscovici foi o criador do termo “representações sociais” e, neste trecho do livro a autora faz um passeio na literatura da psicologia social, visando ampliar ainda mais o entendimento sobre o conceito *representação social*. No entanto, agora busca abranger outros aspectos, e principalmente articular o quanto a abrangência de um diagnóstico de surdez concebe toda uma estrutura de significados já pré-determinados. Alude ainda, de como as representações sociais podem construir uma realidade, com a força de conceitos racionais científicos, incorporados ao senso comum. Para a representação social, a idéia de ser musical, condiz apenas à condição privilegiada de uma audição nos padrões da normalidade determinada pela sociedade.

Estigma foi um termo criado pelos gregos, para indicar sinais corporais que evidenciava algo excepcional ou negativo sobre a condição moral de uma pessoa, que deveria ser evitada. O estigmatizado é visto como uma pessoa que não é completa e, na busca pela remoção ou superação do estigma, muitas vezes vê-se em situações difíceis, de conflitos e frustrações. As situações e os envolvidos com a surdez vivenciam, além das previstas limitações, os sentimentos de conflitos no cotidiano, que vão pouco a pouco minando a autoestima. Assim, sociedade, pais e profissionais, acabam por contribuir para a situação de estigma vivenciada pelo surdo.

Ao final deste capítulo é apresentado um pequeno resumo, *Considerações na realidade do surdo*. Inicialmente, todo papel que desempenhamos é alheio a nossa vontade. Nascemos com uma carga de expectativa bastante alta: pais, família e sociedade ditam, orientam, visualizam nossa atuação no mundo que se apresenta. Quando não se pode corresponder às expectativas, advém todo um histórico de dor, conflitos e sofrimentos. O papel previsto, uma vez não alcançado, traz o medo

do desconhecido que tanto traz a inquietação e insegurança. O equilíbrio familiar é rompido, a representação social do sujeito surdo deixa sua marca, seu lugar no mundo é como um ser incompetente e desajustado. O estigma não permite que sejam avaliadas as vias de possibilidades, o que se vê são as limitações, os impedimentos e as impossibilidades. É a marca do sujeito incompetente.

É necessário acreditar nas possibilidades musicais da pessoa surda. A autora, alerta sobre a estratégia educativa e terapêutica vigente, baseada por uma visão tecnicista, normatizante e dominadora. Impregnada de imposições, faz do sujeito surdo um ser submisso aos desejos do outro, perdido de si mesmo, do mundo, e de toda via de possibilidades de ser-no-mundo.

No terceiro capítulo, *A música e o homem: concepções fundantes* a autora apoiada na concepção de que a música é algo presente desde os fenômenos da natureza passando também sob o ponto de vista da física, estética e da história, traz esclarecimentos relevantes para apoiar cada enfoque apresentado. O livro também aborda a questão de que o som é presença, mas também ausência. Ele é permeado de silêncios, onde podemos perceber os sons corporais, como o da pulsação sanguínea e da respiração.

Dando continuidade, a autora expande para o conhecimento sobre as propriedades do som, onda sonora, os elementos da música, a estética da arte musical. Partindo da conceituação sobre musicalidade, são apresentados aspectos rítmicos e melódicos internos e externos que manifestam a musicalidade do ser humano dentro de várias possibilidades, inclusive a sensório-motora, que se manifesta através de movimentos sincronizados.

A voz, como primeiro instrumento sonoro humano, tem no canto sua principal forma de manifestação musical e está presente na histórica trajetória do ser humano. E, do desejo de reproduzir a variedade e riqueza dos sons circundantes, o homem dá início à criação dos instrumentos musicais. Das intenções de manifestações religiosas sagradas ou não, o certo é que expressar a própria musicalidade é uma possibilidade do ser humano em qualquer circunstância. A audição, apesar de desempenhar um valioso papel, não se pode afirmar que seja condição indispensável para a expressão da musicalidade.

Através da pele, e ossos, o sujeito surdo se beneficia ao permitir ao corpo entrar em sintonia com as vibrações das ondas sonoras. Sendo assim, o conjunto perceptivo multissensorial, aproxima o surdo da vivência musical, abrangendo todas as possibilidades de manifestação de sua própria via de musicalidade. O choro é a primeira forma de manifestação sonora do ser humano. O bebê no seu processo de desenvolvimento expressa emoções, desejos e dores através dos sons que emite no choro. A mãe entende essa expressão embora seu filho não fale.

A música, como arte essencial para o desenvolvimento do ser humano, possibilita a expressão e vivências significativas de prazer e auto-realização, contribuindo para a construção positiva de uma autoimagem. Neste tema a autora tratou de apresentar a conclusão de duas pesquisas. Em 1983, em que concluiu que

independentemente do grau de perda auditiva a música é sentida e percebida através de várias manifestações.

Na pesquisa de 1987 ressalta que a música como objeto estético, possibilita expressar a criatividade, sensibilidade e musicalidade dos sujeitos surdos. Os resultados evidenciam que, seja pela via auditiva, utilizando os resíduos auditivos, seja pela via corporal, sentindo as vibrações por todo o corpo o sujeito surdo é um ser de possibilidades musicais. Ficou evidente também, que através das vivências musicais estes sujeitos conseguem manifestar estados afetivos que os diferentes tipos de música sugeriam.

Música, dança, improvisações e o canto estão entre as várias possibilidades musicais do sujeito surdo. A vivência musical é condição indispensável para despertar as potencialidades que visam resgatar o redescobrir da prática natural de fazer música. Para finalizar este capítulo, a autora traz a produção de Mariana, que participou de sua pesquisa. Ela traz um excerto da música “Atirei um pau no gato” e compara-a a música original, fazendo uma análise melódica e rítmica entre as duas produções. Percebe-se que, a marca da criatividade na improvisação feita por Mariana é prova irrefutável de sua capacidade de expressão musical.

O capítulo quatro, *O caminho trilhado*, analisa algumas considerações sobre o desempenho da ciência e da tecnologia no sentido de intervir na realidade do surdo, visando torná-lo um ser produtivo, independente socialmente, apto a se expressar através da linguagem. No entanto, a autora coloca a seguinte questão: Que outras possibilidades podem ser descortinadas para que o surdo se humanize, se encontre e se realize como ser humano? Tais considerações sobre a ciência pós-moderna, diz muito sobre o conhecimento que se traduz em autoconhecimento, e na tecnologia que deve se transformar em sabedoria de vida.

Retomando a idéia anterior, a autora reafirma a sua proposta de música para o sujeito surdo, objetivando, resgatar para esses sujeitos uma prática natural e fundamental do homem, que traga prazer e seja fonte de realização pessoal. Não se trata de impor uma condição de ouvinte ou, de negar os benefícios terapêuticos da música, mas vai além, visa primordialmente auxiliá-los no seu processo de tornar-se pessoa, de humanizar-se, concretizando suas potencialidades. Ao ser desconsiderados os resultados que confirmam as possibilidades musicais do sujeito surdo, a ausência das vivências musicais destas pessoas torna-se um fato injustificável, aponta a autora.

Também é importante ouvir o próprio sujeito surdo. Como ele se vê, e como é visto diante das suas possibilidades em relação à música. Para concluir este trecho HAGUIARA-CERVellini, faz um desdobramento de suas técnicas de pesquisa, sua abordagem, sua atitude profissional em relação às pessoas participantes, sempre incluindo o contexto familiar.

O capítulo cinco, *Música na vida de duas jovens surdas*, apresenta a análise das entrevistas, traz várias transcrições sempre contextualizadas e permeadas de observações que condiz com o propósito da pesquisa: Que representação a família e o próprio sujeito surdo fazem desse sujeito, como ser musical?

As duas jovens, Isadora de quase 17 anos e Fabiana de 19 anos são surdas. O livro traz resumidamente um pouco da história dessas duas jovens, no contexto familiar, escolar e no âmbito das relações sociais em geral. Através da leitura do livro é possível também, perceber características da personalidade de cada uma dessas jovens, como também o perfil familiar.

Durante a apresentação das falas, nos trechos das entrevistas que foram transcritos, a autora vai trazendo as colocações dos teóricos que foram abordados nos capítulos anteriores, são norteadores dos conceitos sobre representações, papéis e estigmas. Contudo, outros autores são mencionados, sempre associados ao mesmo conteúdo, servindo principalmente, para dar maior expansão e compreensão às ideias apresentadas.

No capítulo seis, *Considerações finais*, trata resumidamente de cada um dos sujeitos apresentados no livro, destacando a trajetória de experiências musicais de cada um desses personagens, sempre avaliando num contexto global que contempla a família, sociedade e o método utilizando pelos profissionais na trajetória educacional de cada um desses sujeitos.

Ao contemplar os resultados das pesquisas a autora destaca que, os sujeitos que receberam uma educação na linha do método unissensorial, visando ao melhor desenvolvimento da linguagem oral são os que apresentam sinais de maior rejeição a música. Os sujeitos que tiveram uma educação onde vivenciaram a música como fonte de prazer mostraram maior envolvimento com ela. Isso evidencia que as escolhas dos caminhos educacionais feitas pelos pais são indicadores da aceitação da surdez e de como eles lidam com ela.

O desempenho musical é um atributo concebido pela representação de quem tem bom ouvido, talento e criatividade. O estigma da surdez é um fantasma que assombra o desempenho musical, então é preciso negar as possibilidades de musicalidade e se ater nos papéis em que não se evidencie a incompetência musical desses sujeitos.

Também como resultado da pesquisa, e grau de desempenho da musicalidade de Fabiana, que participou quando criança de experiências musicais, a autora ressalta a importância de experiências gratificantes, de forma lúdica e prazerosa já desde a infância dos sujeitos surdos.

Ser musical não é privilégio de seres especiais e bem-dotados, mas possibilidade do homem como ser. A autora acredita que existe a necessidade de transpor velhas concepções e que a discussão, o debate, o compartilhar conhecimentos envolvendo os profissionais que lidam com o surdo, são meios para redimensionar as representações sociais.

Para finalizar a autora traz excertos do livro “O vôo da gaivota” da atriz e escritora francesa Emmanuelle Lorit. Ela conta sobre as suas experiências com música, e esses depoimentos mostram como ela fez uma representação de si mesma como ser musical, a partir das suas ricas e gratificantes experiências na infância. É um relato muito oportuno para reafirmar o que foi exposto pela autora no livro.

Conclusões e encaminhamentos da resenhista

De um modo geral, a autora desenvolve a temática do livro como um aprofundamento reflexivo de suas pesquisas de mestrado e doutorado. Nos vários seguimentos da linha de raciocínio, são colocados outros autores para aprofundar suas ideias e conclusões. Contudo, são suas experiências pessoais e observações, com paralelos com o enfoque do estigma de surdez, que permitem que na leitura, seja feita uma aproximação entre a realidade objetiva e os conceitos pré-existentes em nossa sociedade.

A obra fornece subsídios à pesquisa sobre a educação do surdo e suas relações com a música. É o livro mais citado nas pesquisas e estudos sobre a temática “Música e Surdez” no Brasil.

É observado os ângulos das concepções que ditam que o surdo é um ser incapaz de vivenciar a música, e a autora se baseia em estudos criteriosos, comprovadamente demonstrados através de pesquisas e muitos anos de dedicação à temática apresentada. Seu conhecimento musical aproxima arte e ciência, traduzindo numa nova perspectiva nas abordagens que tratam da educação do surdo. É muito proveitoso perceber a dimensão exata que a família do surdo exerce sobre a crença nas possibilidades musicais deste.

É uma leitura que, apesar de não exigir conhecimentos prévios para ser entendida, requer diversas releituras. É necessária a dúvida sobre esta idéia generalizada que a sociedade tem sobre a incapacidade musical dos surdos, o que no livro é tratado por *representações*. É fundamental deixar claro que à época em que o livro foi escrito, ainda não havia comprovações científicas sobre o efeito das vibrações sonoras nas pessoas com surdez.

Não se trata de uma temática superficial. A obra tem por objetivo dar alternativas para se pensar nas vias de possibilidades da educação dos surdos, desfazendo o estigma, desacreditando na representação do surdo como um incapaz de se apropriar dos benefícios da música. Os questionamentos dizem respeito à forma limitadora em que a música é apresentada aos sujeitos surdos. Esta descrença, fruto de concepções generalizadas pela sociedade, subtraíram da vida destas pessoas seu acesso a uma parte essencial do ser humano: a expressão da musicalidade.

Recebido em: 02/07/2015

Aceito em: 04/10/2015